

FONTE : JBCLASS. : 35DATA : 10 06 91PG. : 11

Bacilo da cólera não sobrevive no Rio Negro

MANAUS — O vibrião colérico consegue sobreviver mais de 24 horas no Rio Solimões, mas não resiste o mesmo tempo nas águas ácidas do Rio Negro, que banha a cidade de Manaus, onde vive 1,7 milhão de pessoas. A conclusão é do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), revelada no final de semana em Manaus, através do seu Departamento de Ciências da Saúde.

O Inpa ainda não pode determinar com precisão o tempo de sobrevivência do agente transmissor da cólera nas águas barrentas do Rio Solimões. Segundo o pesquisador Jurandir Chaves Vasconcelos, provavelmente o vibrião não consegue resistir 48 horas no Solimões. Isso explicaria, em parte, porque a cólera não desceu do Peru, onde se manifesta com intensidade, para as cidades localizadas ao longo do Solimões.

Até agora, os pesquisadores do Inpa não conseguiram detectar a presença do vibrião colérico em águas brasileiras. Estudos realizados na fronteira do Peru com o Brasil, há 30 dias, localizaram o agente transmissor na proporção de 20% das amostras. Uma das amostras foi recolhida ao lado da estação de tratamento de água doada pelo Ministério da Saúde.

As amostras coletadas nos municípios amazonenses de Benjamin Constant e Tabatinga deram resultados negativos. As pesquisas com o vibrião nas águas do Rio Negro são conclusivas, garante o chefe do Departamento de Saúde do Inpa, Wanderlei Pedro Tadei. Devido ao alto teor de acidez e de material orgânico das águas do Negro, o vibrião colérico não consegue sobreviver a um período superior a 24 horas. Isso pode significar também um obstáculo importante para afastar a cólera da capital amazonense, segundo os pesquisadores.

A cólera no Amazonas continua restrita ao município de Tabatinga e adjacências. Ontem o Hospital de Guaranição da fronteira de Tabatinga informou que o quadro permanencia inalterado, estando registrados 14 casos da doença, que se manifestaram num período de dois meses. Seis desses casos são de brasileiros que contraíram a doença do outro lado da fronteira, no Peru. Os demais atingiram brasileiros que teriam contraído o vibrião na própria cidade de Tabatinga.

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) colocou ontem em dúvida o anúncio de um surto de catapora entre os índios do Vale do Javari, na fronteira com o Peru, feito sexta-feira em Brasília pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Sanitaristas e enfermeiros do Cimi regressaram do Javari, onde realizaram trabalhos educativos sobre a cólera e não registraram nenhum caso de catapora entre os índios. Em Manaus, a Funai confirmou o surto da doença e disse que uma equipe já foi enviada ao local para combater o avanço da catapora, que poderá ter efeito devastador entre esses índios, na maioria primitivos e arredios.